



Resenha

VAN NORDEN, Bryan W. **Introdução à Filosofia Chinesa Clássica.** Tradução Gentil Avelino Tilton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. 328 p. ISBN 978-85-326-5767-1

Matheus Oliva da Costa¹

Temos uma novidade no Brasil sobre Filosofia Antiga e Estudos Chineses. Após mais de 20 anos de publicação da tradução brasileira de *O pensamento chinês* de Marcel Granet (1997) e mais de 10 anos do lançamento em português de *História do pensamento chinês* de Anne Cheng (2008), em 2018 a editora Vozes atualizou o campo editorial brasileiro com mais uma tradução de um manual sobre a filosofia chinesa antiga. Trata-se do livro *Introdução à Filosofia Chinesa Clássica*, publicado originalmente em inglês no ano de 2011 por Bryan W. Van Norden, um reconhecido filósofo e sinólogo do mundo anglófono. Começamos essa resenha com uma abordagem que foi também bastante utilizada por Van Norden, a comparativa, para evidenciar suas novidades e contribuições, depois descrevemos a estrutura e capítulos da obra.

Tanto Granet (1997) quanto Cheng (2008) são da tradição francesa, que tem um histórico secular no campo da sinologia. O primeiro é famoso pelo seu pioneirismo em ler a cultura chinesa sob um olhar influenciado pela sociologia durkeimiana, que busca entender o funcionamento e a estrutura do pensamento chinês. A segunda segue uma abordagem da sinologia francesa de autores como J. Gernet, L. Vandermeersch e C. Despeux que, em grande medida, privilegia a compreensão do pensamento chinês através das discussões próprias dessa cultura.

Van Norden apresenta outra genealogia: uma formação californiana em Filosofia que critica o eurocentrismo dessa área junto com autores como J. Garfield, uma perspectiva sinológica simultaneamente anglófona (desde J. Legge, passando por C. Graham e B. Watson) e de universidades do leste asiático (China,

¹ Doutor em Ciência da Religião pela PUC-SP. E-mail: matheusskt@hotmail.com

Singapura e Taiwan). Sua abordagem também é inovadora no Brasil por mesclar apresentações dos conceitos dos pensadores chineses dentro do seu contexto, enquanto se permite realizar comparações com filósofos europeus como Aristóteles (p. 61, 68), Kant (p. 165) ou Stuart Mill (p. 58) ou usando o vocabulário da filosofia acadêmica contemporânea.

Outra diferença é que, ao contrário das publicações anteriores já citadas (Granet, 1997; Cheng, 2008) que utilizam o termo “pensamento chinês”, Van Norden fala mais diretamente de “filosofia chinesa”, ainda que use ambos os termos. Ou seja, sem necessitar de um longo debate sobre isso (como fez Cheng, 2008), Van Norden parte do pressuposto de que o pensamento chinês pode ser igualmente tratado como uma forma de Filosofia tão legítima quanto a de origem europeia. Isso, que pode ser uma controvérsia, já é bem resolvida para Van Norden e o grupo de autores colegas que acreditam numa perspectiva intercultural ou mundial de Filosofia.

Com essas características, essa obra é uma excelente maneira de aproximar à Filosofia chinesa os estudantes de filosofia ou o leitor acostumado com o vocabulário “ocidental”. Ao mesmo tempo, os introduz nos debates e terminologias próprias da tradição chinesa. Sua opção de focar no período entendido como “clássico” (antigo, pré imperial) da Filosofia chinesa se fundamentou na premissa de que as fontes dessa tradição de mais de dois milênios de pensamento estão nessa época antiga.

Como Van Norden articulou sua obra para proporcionar tudo isso? Há elementos iniciais que servem para dar subsídios à leitura (prefácio, mapa da China, lista de traduções usadas e recomendadas). Em seguida a obra conta com doze (12) capítulos formais mostrando, numa sequência diacrônica dos principais pensadores, escolas e debates. Depois há três “apêndices” mais sincrônicos, respectivamente sobre o método hermenêutico aplicado na leitura de Filosofia chinesa, sobre a língua chinesa e sobre o caráter sistemático do pensamento de Confúcio. Todos os capítulos sempre finalizam com um quadro de “questões para revisão”, demonstrando um aspecto editorial preocupado didaticamente com a aprendizagem do/a leitor/a. No fim foi inserida uma lista de “fontes para fatos e mitos”, “créditos das ilustrações”, as “notas finais”, “índice onomástico e analítico” e um “índice geral” mais detalhado.

O primeiro capítulo realiza uma contextualização histórica da antiguidade chinesa, seus mitos, as evidências arqueológicas que permitem uma reconstrução histórica crítica daquele período e seus principais personagens e acontecimentos. Os segundo e terceiro capítulos tratam de Confúcio e da tradição chamada em línguas neolatinas como “confucionismo”, entendidos como uma continuação da antiguidade chinesa e inspirada nela. Van Norden tratou do que chamou de cinco temas dessa escola: (1) busca por felicidade; (2) tradicionalismo revivalista; (3) o cuidado indiferenciado e o lugar da família nesse sistema; (4) o papel funcionalista dos ritos; (5) cultivo ético.

Em seguida, partindo da tipologia de “três teorias normativas” – consequencialismo, deontologia e ética da virtude –, enfatiza que o confucionismo seria uma expressão particularista e radical desse último caso. Essa ética da virtude específica se preocupa com a busca o cultivo de certas virtudes, com ênfase na bondade/humanidade (*ren* 仁). Sobre os limites do confucionismo, ele mostra como seu o tradicionalismo pode gerar uma postura negativa para com a pluralidade de ideias e a inovação de pensamentos.

Em seguida, mostra os dois primeiros críticos do confucionismo. No quarto capítulo ele aborda a tradição de Mozi, ou o moísmo, classificando-os como sendo consequencialistas, ou sejam, enfatizam orientações sobre o que fazer, dando menos importância ao que deveríamos ser. Mais exatamente, os moístas são moralmente generalistas, acreditando que é possível estabelecer padrões fixos de comportamento que busque o que benéfico e elimine o que é socialmente prejudicial. A busca por argumentar contra a tradição que gira em torno de Confúcio fez dos moístas grandes debatedores, além de terem inovado a escrita filosófica chinesa com textos dissertativos. Como proposta política e social, defendiam um “cuidado imparcial” para com todos os seres humanos como padrão de conduta. Apesar da escola não ter sobrevivido ao tempo, acabou influenciando vários pensadores nos séculos seguintes, inclusive confucianos.

A filosofia “egoísta” de Yang Zhu e seus seguidores, por outro lado, não teve tanto impacto posterior, mas serviu de referência negativa, ou seja, de como não pensar. Van Norden aproveita esse último autor chinês para discutir a diferença entre egoísmo psicológico e egoísmo ético. O primeiro seria acreditar que o ser humano é egoísta por natureza, que na verdade se preocupa apenas de si mesmo,

já o segundo é a proposta de que devemos agir baseados em nosso interesse pessoal. Há quem interprete que Yang Zhu partia do pressuposto de que a “natureza humana” é egoísta, mas Van Norden chama atenção para a possibilidade daquele apenas propor um egoísmo ético.

Apresentado no capítulo seguinte, Mengzi ou Mêncio foi um grande defensor do confucionismo contra seus opositores. Crítica os moístas, dizendo que o “cuidado imparcial” é impraticável, e que o “cuidado diferenciado” confuciano, que se aprende inicialmente através da família, é bem mais viável. Censura Yang Zhu, apontando que não somos egoístas, mas sim, que, na verdade, a natureza humana é boa. Entendendo “natureza humana” como um potencial a ser cultivado, ele formula a noção de quatro virtudes cardeais ligadas a “reações emocionais inatas”: bondade e coração compassivo; retidão e coração desdenhoso; decoro e coração respeitoso; e sabedoria e coração aprovador e desaprovador. Durante a dinastia Song (960-1279) ele acabou se tornando o principal confuciano depois de Confúcio até o fim do período imperial em 1911.

A “escola dos nomes” é tratada no sétimo capítulo. Menos do que uma tradição, se tratava de filósofos interessados em temas relativos a paradoxos da linguagem. Por exemplo, a distinção lógica de que “cavalo branco não é cavalo” de Gongsun Long. No entanto, eles tinham objetivos morais de fundo, como a posição de Deng Xi sobre a possibilidade de argumentos contrários sobre qualquer tema estarem ambos certos, ou a defesa do “cuidado indiferenciado” por Hui Shi. Eles impactaram toda a filosofia chinesa, como uma renovação moísta que buscou responder aos seus paradoxos.

Um grupo particularmente influenciado por eles, ou que pelo menos tem características semelhantes, foram os “daoístas” das obras *Laozi* e *Zhuangzi*, apresentados nos capítulos oito e nove, respectivamente. Laozi, considerado tradicionalmente o autor do *Daodejing* (Tao te ching), também utilizava de aparentes paradoxos, mas para guiar um “ensino sem palavras”, através da noção de “não-ação”, que iria, por um lado, resolver problemas sociais e, por outro, promover um cultivo místico da virtude. Estes são quatro dos cinco temas levantados por Van Norden, sendo o quinto a ideia que deu nome a essa escola: o *Dào*, o Caminho (em maiúsculo), algo que gera, “está em” e tem tudo que existe.

Zhuangzi, o autor da obra homônima, ou pelo menos dos primeiros sete capítulos dela, também segue as ideias de *Dào*, não-ação e ensino sem palavras, mas não buscava resolver problemas sociais. Antes, tinha uma postura “cética” e “relativista” que critica quem exige padrões de virtude ou de normas. Sua proposta era ser desapegado da sociedade, mas vivendo dentro dela, sendo que para realizar isso ele propôs não uma doutrina fechada, mas um modo de ver as coisas e de agir que é chamado de “terapêutico”. Curiosamente, ele dialogou diretamente com Hui Shi, utilizando dos seus paradoxos ou negando-os, para fins de criar, no leitor, um sentimento saber fluir com o Caminho sem se desgastar com o mundo.

Xunzi é abordado no décimo capítulo: fruto do seu período conturbado em que esses e outros pensadores competiam por apoios de governantes, foi um dos professores na famosa “Academia Jixia” na antiguidade chinesa. Ele é entendido como um filósofo sistemático que absolveu criticamente todas as teorias citadas anteriormente, formulando a sua própria visão confuciana “naturalista”. Famoso por dizer que a “natureza humana é má”, Xunzi apresenta um sistema mais robusto, que tem no centro a noção de educação sociocultural através dos rituais, que iriam remodelar o comportamento humano para melhor. No mesmo sentido, ele argumentou contra o relativismo e ceticismo da escola dos nomes e dos daoístas, mostrando que se pode sim dizer que há padrões éticos, e esses são descritos pelos clássicos (confucianos) e ensinados por professores que os dominam. Ele teve forte impacto nos primeiros séculos do confucionismo na China, e, especialmente, entre a escola dos “legistas”.

No capítulo onze, um discípulo de Xunzi na Academia Jixia, o Han Feizi, é abordado como maior exemplo da escola legista. Amparado em seu professor, Han Feizi foi um filósofo sistemático famoso por suas argumentações. Ironicamente, algumas vezes criticou a tradição confuciana, já que defendia soluções novas para os novos problemas, e não o uso da tradição. Criou um sistema de governo com cinco aspectos (poder do cargo, métodos administrativos, leis, uso de recompensas e castigos, e, por fim, um caminho do governante), que acabou se tornando referência da primeira dinastia que unificou a China e criou a longa era imperial que, mesclada com o eixo central confuciano, foi referência de governantes ao longo de mais de dois mil anos.

No último capítulo Van Norden mostra como esses autores impactaram a filosofia posterior e também toda história chinesa. Lembra também que, mais tarde, existiram outras ideias, como as budistas, que foram recebidas de diferentes maneiras em cada contexto na China. Também a cultura chinesa foi exportada para todo o leste asiático, se tornando o pensamento paradigmático na Coreia e no Japão. Mesmo com as intensas mudanças sociais que ocorram na China entre os séculos XIX e XXI, ainda sim esses pensadores mostrados no livro têm, até hoje, força de influência nessa cultura, bem como tem ideias filosóficas a serem compreendidas e exploradas. Assim, a leitura desse livro se mostra muito benéfica para quem deseja conhecer mais a China, e para quem acredita que o estudo da Filosofia pode ser mais intercultural.

Referências

CHENG, Anne. **História do pensamento chinês**. Tradução Gentil Evelino Tilton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GRANET, Marcel. **O Pensamento Chinês**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

Recebido em: 16/09/2019.

Aprovado em: 17/09/2019.